



Sinapses em sinopses da modernidade sólida – um paradigma no divã.

Ricardo Aronne*

O Tempo de Introduzir

Certos textos parecem já ser concebidos como que destinados a seminalidade. Conseguem, mesmo em meio a uma volumosa e grandiosa obra, se fazerem pinçar e significar de *per se* ou no conjunto. Atravessam o tempo com uma jovial vontade de potência, mesmo quando se aproximam do centenário de sua emergência, sem que as rugas e vincos do decorrer epistêmico lhe deformem o valor ou a estética literária que os envolve, aqui reconhecida e destacada na extensão da obra de seu autor. *O Mal-Estar da Civilização* (1930), percebo como uma obra fundamental para todo o admirador e leitor de Sigmund FREUD (1856-1939), um discípulo de BRENTANO (1838-1917) e de CHARCOT (1825-1893), bem como para todo àquele que busca refletir, de algum modo, sobre a sociedade e o paradigma que a envolve.

Da última assertiva, recorte-se do título original deste monumento intelectual, o termo *Kultur*, cuja abrasividade da língua faz que um caldo de sentido se perca desde a tradução, reduzindo-o para *Civilização* ou *Cultura*¹, no Português. Freud, intencionalmente não distingue no texto *Civilização* de *Cultura*, porém, e isso é deveras relevante, a civilização englobaria tanto o poder e tecnologia do Homem perante a Natureza como o conjunto de regulamentos que regem os relacionamentos entre esses homens em sociedade. Nesse processo, o autor recorre a conceitos anteriores, de sua obra, como o de superação do estado de natureza através da cultura, desde logo revelando a dificuldade semântica referida quanto ao título. Essa passagem, da *Natureza* para a *Cultura*, as

¹ Destaque aqui para a existência de traduções do título, para o português, como *O Mal-Estar da Cultura*. Não se busca ou pretende apontar uma tradução correta ao termo *Kultur*, que traz aqui apóses intencionais e dificuldades adicionais, portanto, tal qual pode-se dizer de *Dasein* em Heidegger ou *Defferanse* em Derrida, o uso tem um *telos* semântico que deve ser respeitado. Adota-se aqui *Sociedade*, para designação, por ter se universalizado e não como uma escolha em detrimento da outra. É, assim, mera opção para essa análise, seguir os passos indicados pelo autor em seu “*O Futuro de uma Ilusão*” (1928), onde trata da distinção e do porque da escolha do termo *Kultur*, destacando ambos aspectos, no curso do presente texto.

senta-se no mito da *Horda Primal* ou *Horda Primeva*², já tratado no seu, “não-menos-fundamental”, *Totem e Tabu* (1921).

Assim como em Albert CAMUS (1913-1960) percebe-se, ao contrastar *O Estrangeiro* com *A Peste*, o salto de uma lente que repousava sobre o indivíduo voltar-se para o corpo social em que àquele está imerso, a mesma sensação se faz sentir aqui. *O Mal-Estar da Civilização*, traz o relocar da lente freudiana para os largos setores da burguesia européia, que orientava e constituía o *stablishment* dos estertores do Séc. XIX e do emergente Séc. XX. É o primeiro esforço de uma Psicanálise-Social, cuja valia é tão notável e capilarizante que ainda mostra ampla influência em autores que inauguram o Séc. XXI; como se percebe no relevante e popularizado Zigmunt BAUMAN (1925-2017), falecido às vésperas destas linhas, que chega a estabelecer um diálogo direto com a mesma, em seu destacado *O Mal-Estar da Pós-Modernidade* (1998).

FREUD deriva, da nova lente, transversal ao texto, um antagonismo imanente entre a pulsão e a civilização, produtora desse mal-estar moderno, que traz intensa riqueza para a crítica dos modelos rígidos nos sistemas tradicionais, no continente jurídico, social, ou econômico, ainda em muito presentes em perspectivas que insistem em querer aprisionar a contemporaneidade, especialmente no horizonte do Direito. Seja no recorte entre o Público e o Privado, até os pilares constitutivos do Direito Civil, encetados nas titularidades de apropriação, tráfego jurídico e nos projetos parentais, o contraponto das pulsões com o choque civilizador, nesse revelador “mal-estar” freudiano, é de profunda riqueza para quaisquer linhas de pesquisa sérias em Direito e Sociedade, em especial se respiram ares transdisciplinares.

É nessa dicotomia antagônica, da pulsão e da civilização, gestora de uma “neurose fundamental” (desde logo me desculpando pela liberdade, diante dos ortodoxos), que reside o mal-estar brilhantemente talhado ao longo do brilhante, taciturno e belíssimo texto, com a riqueza de um MICHELANGELO (1475-1564) debruçado sobre um monolito de mármore. As estações do sacrifício do indivíduo, no calvário da civilização ocidental judaico-cristã, são oferecidas no altar da sociedade e seus ritos. Sua neurose é fruto da renúncia de suas pulsões. Eis, desnudo “*O Mal-Estar*”, em rápido resumo. Destaque-se o tom sombrio na palheta freudiana para com as tintas sociais que riscam desde a moldura no desenho da sociedade de sua época. As questões que o texto deixa, enquanto fruto desse “*mal-estar*”, como a da existência de uma patologia das sociedades, se essas estariam imersas em um caldo cada vez mais intenso de neuroses, ou ainda, até que ponto o desenvolvimento conseguirá domar as pulsões de morte dos indivíduos, são temas que não se deixam silenciar pelo tempo, ao que quer parecer.

Quisera eu dar aqui por adimplida a dívida em sinopse para com meu parceiro epistêmico Prof. Dr. Marcos CATALAN³, pois essa, possivelmente aqui poderia deixar-se diluir para o fim, no esvanecer das linhas... Mas aqui, quiçá se encerra um primeiro movimento em sinfonia... Um primeiro tempo, enquanto espaço do que ser dito... Talvez do introduzir... Não menos, por certo mais... Em análise, no Divã... Fim ???

² Muito sinteticamente, o mito tratado em *Totem e Tabu* (1921) compreenderia um pai, primal, onipotente, possuidor de todas as mulheres e de uma vontade arbitrária e absoluta. Tal pai seria morto pelos filhos e daí se estabeleceria um contrato social para garantir que nenhum deles tomasse o lugar do pai. Tendo o parricídio como ponto de partida, se constituiria uma organização social que marcaria a origem da civilização. O tabu do incesto surge, então, como a primeira lei que fundamenta uma sociedade, pois o incesto teria natureza anti-social.

³ Aproveito para dedicar, aqui, esse informal texto, ao fraterno amigo Prof. Dr. Marcos Jorge Catalan, que o encomendou na coordenação de nossa revista e ora o recebe na coordenação-adjunta do PPG.

O Tempo de Refletir

A civilização é fruto do Homem, mas todo o indivíduo é seu inimigo, em um paradoxo tangível qual o que ROUSSEAU (1712-1778) procede, em idêntico horizonte social, porém iluminado por diversos matizes. Para FREUD, em todo homem residem tendências anti-sociais ou anti-culturais, de natureza destrutiva, oriundas da renúncia pulsional de ordem sexual e do limite aos instintos de agressividade, severamente prejudicados. A civilização se desenvolve no constante embate entre o solipsismo humano e sua liberdade, reprimidos pelo poder da comunidade. Diz o próprio FREUD: *“Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo”*. Perceba-se que, quando os gregos inventaram o alfabeto, junto, inventaram o analfabeto; assim se dá com a percepção freudiana. O anti-social, não é natural, é fruto e resultado da socialização. Sempre haveria, decorrência de alguma patologia ou excesso de pulsão, o associal ou anti-social. O *gap* que poderá parecer ao leitor, aqui, fora enfrentado por FREUD em outro de seus estudos preliminares. Aqui emerge com força o papel da religião como cimentadora da sociedade e da cultura humana, como desenhado por ele em *“O Futuro de uma Ilusão”* (1927). Essa responderia pelo anseio humano pelo pai poderoso que o protege ao preço de uma neurose individual que promove seu infantilismo psicológico, estribado no delírio de massa constituinte da religião, dando-lhe a defesa contra seu estado de desamparo infantil que persiste, mesmo na vida adulta. Diz, ainda: *“A felicidade constitui um problema da economia da libido do indivíduo.”* Na ausência da religião, postula FREUD, que o homem colocaria um outros jogo de ritos e dogmas em seu lugar.⁴ Essa civilização, sob a lupa freudiana, optara por evitar o sofrimento da incerteza pelo caminho da segurança, em detrimento da liberdade e dos prazeres pulsionais. Essa sempre parcial, episódica e incompleta satisfação pulsional é o que subjetivaria essa “felicidade possível”, enquanto economia da libido do indivíduo, nas palavras de FREUD. O sofrimento humano seria advento do corpo, do mundo externo e dos relacionamentos, todos esses promotores das limitações aos desejos e pulsões. Porém, diz também: *“O programa de tornar-se feliz, que o princípio de prazer nos impõe não pode ser realizado; contudo, não devemos – na verdade, não podemos – abandonar nossos esforços de aproximá-lo da consecução, de uma maneira ou de outra”*.

Tal princípio de prazer, segundo ele, é buscado por diversos métodos, como a fantasia, o delírio diante da realidade, o amor romântico e o religioso ou místico, o trabalho, as inúmeras fantasias, as drogas, as sublimações em geral das pulsões e as enfermidades neuróticas, cujos sintomas são as satisfações protéticas para os desejos recalçados.

Desses enlaces, três elementos parecem se destacar no trabalho de FREUD, como fundamentais para noção de civilização, quais sejam a angústia, a agressividade e o sentimento de culpa, nos conduzindo para outro de seus textos seminais, o aplaudido *“Mais Além do Princípio do Prazer.”* (1920). Nele é descrita uma pulsão de morte, presente em todos indivíduos, possuindo uma condição de inerência e repetição, condutora ao seu estado inorgânico primordial e constitutiva de empecilho para a civilização, nesse grau expandido dado por nosso autor. Reitera ele: *“...essa tendência à agressão, que podemos perceber em nós*

⁴ Importante, desde já, dar o necessário destaque que a contemporaneidade judaico-cristã ocidental, descolada das sombras dos ideais vitorianos da época de Freud, há muito colocou o sistema jurídico ocupando largamente esses espaços.

mesmos e cuja existência supomos também nos outros, constitui o fator principal da perturbação em nossas relações com o próximo; é ela que impõe tantos esforços à civilização”. Aponta, então, para o que chama de “narcisismo das pequenas diferenças”, como fator limitante para tais pulsões. Neste, laços de determinada afetividade unem um grupo, projetando toda sua agressividade para fora deste. Afirma que na impossibilidade absoluta de manifestar essa agressividade, ela resulta introjetada, sem se esvanecer ou dissolver, sendo dirigida ao próprio *ego*. Decorrencia disso é que parcela do *ego* se posta contra a outra, na forma de *superego*. A partir da noção de *superego* e seu tensionamento com o *ego* é que a noção de “sentimento de culpa” se desenvolve como aspecto primordial do homem para com a cultura e a sociedade. A emergência de uma necessidade de purgar essa culpa, de punir, tem essa procedência. Advém com duas possíveis origens, pois antes do advento do *superego*, ela se origina do medo de uma autoridade superior. Neste último caso, a renúncia pulsional bastaria para evitar seus efeitos. No caso anterior, não, pois seria desde logo fruto do simples existir do desejo, pois nesse reino são indistintas as ações das intenções.

Como se percebe, há uma profunda intimidade entre o processo civilizatório e o sentimento de culpa, na dimensão dada por FREUD, pois é através do fortalecimento desse sentimento é que a civilização atinge seu objetivo de interligar os indivíduos, hipertrofiando um *superego* que hipertrofia a evolução cultural.

Então chega o tempo terceiro, rumo a contemporaneidade. Seria esse um tempo de ordem moderna? De evoluir, como algo natural ao que vem depois ?? Vejamos...

O Tempo de Transcender

Não foi gratuito o instar de BAUMAN, na abertura do texto. Dialogando diretamente com a obra em apreço, no apontado “*Mal-Estar da Pós-Modernidade*” (1998), o falecido pensador polonês demonstra um imenso deslocamento social e um profundo descolamento dos indivíduos nessa mesma tessitura social. Aponta para um imperativo de consumo, no seio de uma sociedade voltada ao prazer, tendo a satisfação como ordenadora da contemporaneidade social, com profundos efeitos nos indivíduos.

Diferente da moderação e renúncia, inerentes a sociedade quase-vitoriana, sobre a qual FREUD refletiu, as profundas mudanças sociais e culturais apontadas por Baumann resultam em profundas mudanças dos efeitos produzidos sobre os indivíduos, em relação aos estudos de FREUD. Sem dúvida, as mudanças apontadas por BAUMAN estão diante de nós e denunciam um novo tempo que se estabeleceu, com novos paradigmas emergentes, como constantemente denunciemos em textos e conferências, bem como novas patologias que assolam os indivíduos, agora ultra-conectados e repletos das mais diversas próteses químicas, tecnológicas e genéticas. Mas isso importa em uma franca superação do texto de 1930, que centraliza esse estudo, indicando a necessidade de seu abandono em prol de novos instrumentos de compreensão ?? Quer me parecer que não.

Talvez, diante da profunda vulnerabilidade do homem contemporâneo frente ao seu tempo (ou melhor, um não-tempo, sempre retro ou pós-projetivo) que faz soçobrar o real diante da hiper-realidade

do virtual. Talvez a radicalidade do mal-estar de Freud, seja o que temos de mais concreto, ainda, para compreender e dimensionar os espaços de ruptura e constitutividade do homem e da sociedade contemporâneos, no abismo da fragmentação de nossa pós-modernidade ocidental judaico-cristã. Talvez a grande novidade desse novo tempo, pudesse ser que nada de novo se instalou no vazio desse mesmo tempo, ali estando o que já estava, apenas se fazendo algo novo a estar. Pode ainda ser que todo o novo chegou e na contemporaneidade se instalou, por sobre o que estava por ali. Mais que mantendo o que ali estava, nele se fixando para que suas mudanças pudesse produzir, no fomento subterrâneo das patologias já instaladas.

Das doenças alimentares, como a bulimia e anorexia, as patologias do culto ao corpo, o vício em internet, as dificuldades em lidar com as esferas privadas nos ambientes virtuais, o fenômeno dos superenvidamentos, podem parecer distantes das manifestações clínicas que circundaram o tempo de FREUD, como a histeria, as paralisias e nevralgias, mas ainda percebe-se largos pontos de contato aqui presentes.

O tempo passa, mas o mal-estar parece apenas afirmar-se, diante das falsas couraças contemporâneas que escondem os abismos interiores que nos devoram por dentro, no vácuo do ser, já desprovido do ego, substituído pelo nada consubstanciador do vazio, encoberto por um superego de ocasião, encontrado em um balaio de saldos ou alguma liquidação oportunista de nossos novos templos de pedra e escadas rolantes e seus altares de consumo.

“*O Mal-Estar da Civilização*” é um texto que transcende suas linhas, para além do ofuscante brilho do seu autor, cujo desejo estruturalista nunca sufocou o talento natural para desconstrução que é procedida com esmero e raro talento. É um texto para ser lido avidamente, por todos, transdisciplinarmente e insistentemente. Literalmente, o Mal-Estar nunca passou, de modo a atualizar o texto desde dentro e trazer, para àqueles que ainda não tiveram com ele contato, nada além que justificada culpa.

O Tempo de Referenciar

Bauman, Z. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Freud, S. (1996a). *A interpretação dos sonhos*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).

Freud, S. (1996b). *Projeto para uma psicologia científica*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente escrito em 1895 e publicado em 1950).

Freud, S. (1996c). *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1908).

Freud, S. (1996d). *Formulações sobre os dois princípios que regem o funcionamento mental*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911).

Freud, S. (1996e). *Totem e tabu*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).

Freud, S. (1996f). *Além do princípio do prazer*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).

- Freud, S. (1996g). Inibição, sintoma e ansiedade. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (1996h). O futuro de uma ilusão. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (1996i). O mal-estar na civilização. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).
- Garcia-Roza, L. A. (2005). Freud e o inconsciente (21a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1997). O seminário, livro 7. A ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lipovetsky, G. (2005). A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole.
- Lipovetsky, G. (2007). A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Cia das Letras.
- Lyotard, J. F. (2004). A condição pós-moderna (8a ed.). Rio de Janeiro: Jose Olympio.
- Poli, M. C. (2004). Perversão da cultura, neurose do laço social. *Ágora*, 7(1), 39-54.
- Zaltzman, N. (2007). *L'esprit du mal*. Paris: Editions de l'Olivier.
- Zaltzman, N. (2010). *De la guérison psychanalytique* (3a ed.). Paris: Presses Universitaires de France.